

Lessing, Um Burguês Clássico

*Texto escrito para o livro **Lessing / Obras**, da Editora Perspectiva, 2016, na qualidade de posfácio.*

Gotthold Ephraim Lessing constitui sem dúvida um dos primeiros e mais importantes intelectuais burgueses da Alemanha.

A razão inicial para que se lhe atribua esse qualificativo (que ainda hoje poderia parecer desprezível a muitos adeptos de certas tendências políticas) foi o fato de, na qualidade de escritor, preferir viver “às custas do público” (até quando lhe foi possível), de preferência ao “favor dos príncipes”. Tendo passado por uma esmerada educação humanista, na qual se incluíram as culturas greco-romana, a hebraica e a francesa, foi enviado por seu pai, pastor luterano, a cursar teologia em Leipzig. E, embora se tenha dedicado como ensaísta aos assuntos teológicos, preferiu não seguir a profissão paterna, decidindo-se corajosamente pela crítica artística e o teatro. Já em 1748, com apenas dezenove anos, fez sua estreia com *Der junge Gelehrte* (O Jovem Erudito), seguido de *Der Freigeist* (O Livre Pensador) no ano seguinte. Sobreviveu economicamente de suas colaborações em revistas, ainda que seu público (leitor ou espectador) fosse o crescente mas pequeno contingente de homens esclarecidos e de mulheres instruídas, aos quais tentava convencer da necessidade de uma Alemanha “guiada pela filosofia das Luzes”, racionalista, cultivadora de aspectos e de tendências nacionais, mas disposta aos desafios do subjetivismo moderno e do cosmopolitismo. Não por outro motivo, Lessing fracassou financeiramente por duas vezes – com o projeto coletivo do Teatro Nacional e sua livraria particular em Hamburgo –, ao mesmo tempo em que sua personalidade intelectual se consolidava nos países de língua alemã por meio de suas análises, posteriormente reunidas na *Dramaturgia de Hamburgo*.

A segunda razão para o atributo burguês é consequência de sua produção como dramaturgo, ou seja, das características de suas peças, tanto sob o aspecto formal (o do verso livre) quanto de conteúdo, passando a incluir, além de personagens aristocráticos, os representantes das classes ou estratos menos privilegiados da

sociedade, pertencentes ao “terceiro Estado”. Mas, apesar de suas reprovações ao teatro clássico francês, que lhe parecia cheio de artifícios e de preciosismos nobiliárquicos, não pôde esquivar-se às influências da cultura vizinha. Por isso mesmo, escreveu Otto Maria Carpeaux: “A tragédia burguesa *Miss Sara Sampson* se parece, apesar dos nomes ingleses, mais com os dramas burgueses de Diderot do que qualquer modelo inglês. A excelente comédia *Minna von Barnhelm*, embora se desenrolando em ambiente prussiano, é uma comédia à moda francesa, muito aprofundada. A grande tragédia *Emília Galotti*, obra-prima do teatro lessinguiano, pela qual pretendeu o autor exemplificar as suas teorias dramatúrgicas, tragédia de composição magistral, apesar de certas fraquezas da motivação psicológica, revelaram que Lessing foi mais crítico do que criador – está muito mais perto dos franceses do que Shakespeare. Lessing é classicista, mais à maneira de Voltaire do que à de Goethe”¹.

Na qualidade de ensaísta, Lessing ofereceu uma enorme contribuição para que se aprofundasse o entendimento do fenômeno artístico, consolidando a Alemanha como o mais fértil país na construção da filosofia da arte nos séculos XVIII e XIX. Depois da *Aesthetica* (Estética de Baumgarten) e da *Geschichte der Kunst des Altertums* (História da Arte Antiga) de Winckelmann, seu *Laoköon, oder Über die Grenze der Malerei und Poesie* (Laocoonte) teve por finalidade destacar as características de cada expressão artística. Se o poeta está livre para nos fazer escutar os gritos de dor ou de alegria, assim como as lamentações de seus heróis, o escultor (ou genericamente o artista plástico), se pudesse talhar um grito, cometeria um crime ou um grande erro. Em todas as artes subsistem, é claro, leis gerais ou comuns, mas cada uma delas possui regras particulares, uma eloquência própria que decorre de seus processos de criação. As artes do desenho, por exemplo, são expressas por linhas e cores, cuja combinação gera um determinado efeito imediato e permanente. Elas dispõem de um só momento, e ocupam um só espaço. Já a poesia, assim como a música, reproduz uma série de signos sucessivos e, portanto, de pensamentos e de sentimentos: são artes do tempo. Na esteira de Lessing, a Alemanha ainda nos daria outros pensadores dos mais influentes no âmbito da estética e da crítica da cultura: Hegel, Nietzsche, Spengler. Um aspecto controvertido, e provavelmente inconclusivo a respeito das ideias de Lessing, foi desencadeado logo após sua morte. Na ocasião, o filósofo e teólogo

¹ Otto Maria Carpeaux, *História da Literatura Ocidental*, Rio de Janeiro: Alhambra, 1981, p. 1026-1029.

Moses Mendelssohn, posteriormente considerado “o pai do iluminismo judaico”, se dispôs a escrever “algo sobre a personalidade” de seu amigo, na verdade uma apologia dissimulada do crítico, poeta, dramaturgo e pensador alemão. Ao saber dessas intenções de Mendelssohn, Friedrich Jacobi, por intermédio de uma amiga comum, Margarete Elisabeth (Elise) Reimarus, e imaginando que Mendelssohn acabasse por não expor, com a devida fidelidade, as últimas concepções de Lessing, decidiu revelar a Elise algumas conversas que tivera com Lessing pouco antes de seu falecimento. Em carta datada de 21 de julho de 1783, Jacobi escreveu à sua amiga: “Talvez você saiba, e se não souber eu lhe confidencia, que Lessing, em seus dias finais, era um convicto spinozista. É concebível que tenha expressado esse ponto de vista a outras pessoas; nesse caso, seria necessário que Mendelssohn, no memorial que lhe pretende dedicar, evite certos assuntos, ou ao menos os trate com extrema cautela”².

Segundo Jacobi, a concordância de Lessing com o spinozismo lhe foi revelada desde o primeiro encontro que tiveram em 1780, em Wolfenbüttel, e girou em torno de apreciações sobre um poema de Goethe, “Ode de Prometeu”, texto em que o titã pronuncia um monólogo contra a autocracia de Zeus (“Eu, honrar-te? Por quê? Quem me fez crescer até a dimensão do homem? O tempo todo-poderoso e o eterno Destino, meu senhor e o teu. Eis-me aqui, eu que dou forma aos homens à minha imagem, raça a mim semelhante, feita para sofrer, para chorar, para gozar e regozijar-se, e para esquecer-te, como eu!”). Lessing, após ter confessado já não sustentar qualquer visão ortodoxa da divindade, acrescentou:

- Hen kai Pan (O Um e o Todo) é tudo o que sei. Essa é, inclusive, a tendência desse poema. E, por esse motivo, gosto muito dele.
- Então você estaria mais ou menos de acordo com Spinoza.
- Se eu tivesse que me chamar por outro nome, não saberia de outro melhor.

Na sequência da conversa, disse Jacobi:

- Você me surpreende, e provavelmente eu tenha mudado de cor por me sentir confuso. Desanimador não foi, mas certamente eu não esperava encontrar em você um spinozista ou panteísta. E você diz isso muito francamente. Eu tinha vindo

² Gérard Vallée, *The Spinoza Conversations between Lessing and Jacobi*, New York: University Press of America, 1988, p. 7s. As demais citações são do mesmo ensaio.

principalmente com a esperança de receber sua ajuda contra Spinoza.

– Então você realmente o conhece?

– Acredito piamente que ninguém o conheceu melhor do que eu.

– Então não existe socorro para você. Por que, ao contrário, você não se faz seu amigo? Não há outra filosofia, a não ser a filosofia de Spinoza.

Em outra ocasião, referindo-se ao tema da liberdade humana, Lessing lhe teria dito: “Quanto a mim, sou um bom luterano; mantenho-me apegado a essa doutrina qualificada de blasfema e de erro mais bestial do que humano, a saber, que não há vontade livre, doutrina à qual se acomoda o lúcido Spinoza”. Essa declaração de luteranismo é condizente com as pesquisas que houvera feito quando bibliotecário de Wolfenbüttel, recuperando textos de Béranger de Tours (Turonensis Berengarius), que negava a ocorrência de uma verdadeira transubstanciação ao afirmar que o pão e o vinho serviam apenas como símbolos pregnantes, sem que isso modificasse a natureza dos objetos. O interesse de Lessing por uma disputa medieval parecia estar vinculado à elaboração de uma teologia racionalista, característica que atribuía ao protestantismo.

Jacobi assegura que Lessing tinha como representação de Deus a alma de um grande Todo e concebia o universo como um gigantesco organismo animado por um princípio infinito de vida e de movimento. Mas se assim fosse, Lessing estaria muito mais próximo de Giordano Bruno do que de Spinoza.

A principal fonte dessas declarações peremptórias de spinozismo por parte de Lessing encontra-se apenas nas cartas de Jacobi a Mendelssohn. É possível se perceber aqui e ali traços dessa influência, como em sua última peça, *Natã, o Sábio*, na qual, por meio da parábola dos três anéis, o autor prega a tolerância religiosa por razões teológico-históricas. Mas esse espírito já pode ser encontrado numa de suas obras iniciais, *Die Juden* (Os Judeus). É mais perceptível em Lessing uma fé no progressivo aperfeiçoamento da humanidade (sentimento que não se pode atribuir a Spinoza), típica do Iluminismo e da maçonaria da época, instituição da qual Lessing fazia parte, assim como vários outros intelectuais e artistas (Mozart, para citar um só dentre muitos). Se tudo muda incessantemente, então tudo melhora continuamente e o progresso é uma certeza na transformação do universo e da sociedade. Assim, por exemplo, quando advoga a prática do bem por ser ele útil e desejável em si, como se pode ler nos parágrafos 85 e 86 de *Die*

Erziehung des Menschengeschlechtes (A Educação do Gênero Humano): “Não, o tempo da última perfeição virá, certamente virá, no qual o homem, quanto mais esteja sua razão convencida de um futuro sempre melhor, não necessitará extrair desse futuro motivos para suas ações; em que haverá o bem por que é o bem, e não por que esteja envolvido em supostas recompensas”; “Seguramente ele virá, o tempo de um novo e eterno Evangelho que nos é prometido, mesmo nos livros elementares da Nova Aliança”. Ou também no diálogo maçônico *Ernst und Falk*: “Os Estados reúnem os homens para que, por meio dessa união, cada um possa desfrutar de sua parte de felicidade melhor e com mais segurança do que isoladamente. O conjunto total das felicidades parciais de todos os membros é a felicidade do Estado... Qualquer outra felicidade do Estado, por poucos que nele sofram, é apenas dissimulação de tirania”³.

Ainda em novembro de 1783, Jacobi enviaria a Mendelssohn um relato sucinto de suas conversações, dando origem então ao grande debate sobre o panteísmo (ou, ainda, sobre o panteísmo), o materialismo e o antifinalismo presentes na obra de Spinoza, o que marcou visivelmente a filosofia alemã a partir dos finais do século XVIII. São frutos dessa discussão, entre outras obras, as *Cartas a Moses Mendelssohn sobre a Filosofia de Spinoza*, de Jacobi, *Lições sobre a Existência de Deus*, de Mendelssohn, *Espinozismo*, de Schleiermacher, *O que Chamamos Orientar-se no Pensamento?*, de Kant, *Deus, Alguns Diálogos sobre o Sistema de Spinoza*, de Herder, ou ainda Hegel que, em *Lições sobre a História da Filosofia*, afirma ser Spinoza “o momento crucial da filosofia moderna”.

Enfim, a figura e as contribuições de Lessing podem ser agora recuperadas entre nós com as traduções sempre impecáveis do professor Guinsburg, cujo esforço já não pode ser medido em sua idade nonagenária. São pérolas e, justamente por isso, cabe a nós mesmos não completarmos o velho aforismo.

Newton Cunha

³ Disponível em: <<http://www.internetloge.de/arst/ernsufal.htm>>. Acesso em: 30 out. 2015.